

Arquivos UFO

© 2017 Thiago Luiz Ticchetti

ARQUIVOS UFO - Vol. 1
Casos ufológicos
Thiago Luiz Ticchetti

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 — V. Teixeira Marques
CEP 13485-150 — Limeira-SP
Fone: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais,
é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio — eletrônico ou
mecânico, inclusive por processos xerográficos, de
fotocópia e de gravação —, sem permissão, por
escrito, do editor.

Revisão: Mariléa de Castro

Ilustrações: Rafael Amorim e Luciano Daluz

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho

ISBN 978-85-7618-406-5
2ª EDIÇÃO — 2017

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 — CEP 13485-150
Fone/Fax: 19 3451-5440 — Limeira — SP
conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Ticchetti, Thiago Luiz
Arquivos UFO : casos ufológicos : volume 1 / Thiago
Luiz Ticchetti. — 2ª ed. — Limeira, SP : Editora do Co-
nhecimento, 2017.
p. 132

ISBN 978-85-7618-406-5

1.Ovnis – Visões e contatos 2. Contatos com extraterrestres 3. abdução por extraterrestres I. Título.

17-1065

CDD — 001.942

Índices para catálogos sistemático:

1. Ovnis – Visões e contatos 001.942

Thiago Luiz Ticchetti

Arquivos UFO

Casos ufológicos

Volume I

2ª edição
2017



Gostaria de dedicar este livro à minha esposa Mariana, meu filho Luiz Guilherme, ao meu irmão Diego e minhas irmãs Mariá, Michelle e Dominique.

Agradeço também aos meus amigos Rafael Amorim, Daniel Costa, Josef Prado, ao meu primo Rodrigo Baptista, ao meu grande guru Ademar J. Gevaerd, ao CIPEX e ao SBEDV pela ajuda neste livro. Muito obrigado.

E acima de tudo e todos, agradeço a Deus.

Muito obrigado.

Thiago Luiz Ticchetti

Sumário

Prefácio.....	9
Introdução.....	11
1950: Great Falls, Montana, EUA	13
1950: McMinnville, Oregon, EUA	17
1952: Flatwoods, West Virginia, EUA	20
1955: Kelly, Kentucky, EUA.....	23
1958: Mount Pudi, Papua Nova Guiné.....	26
1964: Socorro, Novo México, EUA	30
1965: Valensole, França.....	34
1965: Garanhuns, Pernambuco	38
1965: Exeter, New Hampshire, EUA.....	41
1966: Tully, Austrália.....	45
1966: Quipapá, Pernambuco, Brasil	47
1967: Crixás, Goiás, Brasil	49
1967: Falcon Lake, Canada	53
1967: Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil	57
1967: Cussac Plateau, França	60
1968: Lins, São Paulo.....	63
1968: Bauru, São Paulo.....	66
1969: Diamantina, Minas Gerais	69
1969: Belo Horizonte, Minas Gerais.....	75

1969: Bebedouro, Minas Gerais.....	81
1969: Pirassununga, São Paulo	86
1970: Lago Anten, Suécia.....	90
1970: Alegrete, Rio Grande do Sul	94
1973: Nova Friburgo, Rio de Janeiro	98
1973: Nova Friburgo, Rio de Janeiro	101
1976: Ilhas Canárias, Espanha	105
1979: Marshall, Dakota do Norte, EUA.....	110
1981: Trans-Em-Provence, França	114
1984: Hudson Valley, Nova Iorque.....	117
1988: Nullabor, Austrália	122
2003: Samambaia, Distrito Federal.....	125
2003: Guará, Distrito Federal	128
Referência Bibliográficas	131

Prefácio

Muitas vezes pessoas me perguntam “o que devo fazer para ser um ufólogo?”. Todos sabem que não existe uma escola, uma faculdade ou até mesmo um curso oficial para se tornar um bom pesquisador. Apesar de algumas tentativas disso estarem por aí e aparecerem até cursos por correspondência caríssimos e superficiais.

Mas fazendo uma boa retrospectiva dos fatos em minha vida de pesquisador, lembro que para mim a grande faculdade que tive foi a convivência com grandes homens de pesquisa ufológica. E posso citar: Claudeir Covo, Marco Antonio Petit, Ademar Gevaerd, José Victor Soares, Atílio de Oliveira.

Mas, com a mais absoluta certeza, o que nos forma um bom pesquisador ufológico é a leitura. O estudo do trabalho de tantos outros “professores” de gabarito e de pesquisas que sintetizam o universo que serve de rincão deste fenômeno tão complexo e abrangente.

Nos últimos tempos a minha participação em fóruns, congressos e encontros sobre a ufologia me aproximou de uma nova geração de grandes decifradores do fenômeno UFO, e com tanta cátedra dos nobres citados acima quanto o entusiasmo e paixão pelo assunto de homens da Ciência.

Estes vieram suprir de material de pesquisa a tantos outros que querem enveredar pelos caminhos da ufologia, com trabalhos ricos em material como os livros de Thiago Ticchetti, onde podemos encontrar a compilação de casos que serviram de base para afirmarmos que o fenômeno UFO existe, e que a possibilidade de estarmos sendo visitados por seres provindos de outras

esferas que não a terrestre pode ser uma realidade latente em nossa sociedade.

O autor Thiago Ticchetti foi uma das surpresas mais bacanas em minha trajetória ufológica, mostrando ser um pesquisador sério, um grande companheiro de “empreitadas” ufológicas e um colega amigo de todos.

Com um tom suave em suas apresentações, convence o público pela sua forma de abordar os mais curiosos casos. Nascido em uma base aérea e filho de um aeronauta, a curiosidade de Thiago pelo fenômeno aéreo não identificado tem origem oficial.

O leitor deve ler suas obras não como uma leitura passageira, mas como uma fonte de estudo, e tomar esse material como apoio para suas futuras pesquisas e investigações a respeito do fenômeno UFO, lembrando que para entendermos o presente devemos conhecer o passado. Assim, os casos apresentados neste livro são de suma importância para todos compreenderem os acontecimentos envolvendo os Objetos Voadores Não Identificados. São acontecimentos históricos dentro do escopo ufológico, investigados por diversos pesquisadores nacionais e internacionais, e relembrados por Thiago em uma leitura fácil e clara.

Rafael Amorim

Núcleo de Estudos Ufológicos de Santa Cruz do Sul - RS
Movimento Gaúcho de Ufologia/
Comissão Brasileira de ufólogos/Revista UFO

Introdução

Quando estava amadurecendo a ideia para a elaboração deste livro ainda não tinha noção sobre o que escrever. Queria escrever algo novo, que ainda não houvesse sido escrito no Brasil, e que ao mesmo tempo pudesse ser utilizado como bibliografia para pesquisas, e também como uma leitura para todos que apreciam o fenômeno da ufologia.

Fiz uma extensa pesquisa em vários livros buscando ver quais casos eram os mais divulgados e de quais o público já estava “cansado” de ler e ouvir falar. Não quero dizer com isso que são casos que não mereçam o status de clássicos, muito pelo contrário, é por isso que são considerados dessa forma. Mas falta algo na ufologia: divulgação!

Diariamente dezenas de pessoas em todo o mundo afirmam avistar objetos voadores não identificados nos céus. Grande parte desses avistamentos pode ser explicada, entretanto um pequeno percentual permanece insolúvel.

Desses casos, somente um reduzido número é investigado a fundo, e deles, uma quantidade ainda menor é que chega ao público.

É esse o objetivo deste livro. Minha intenção é levar ao público casos pouco conhecidos ou divulgados no Brasil, mas tão ou mais fantásticos que os amplamente difundidos. A ufologia não se resume a dez ou vinte casos, ela é muito maior, mais apaixonante e mais incrível do que imaginamos.

Neste livro temos casos que são considerados clássicos, como o do policial Zamora, no Novo México, em 1948, e o das fotos de Paul Trent, mas no Brasil poucas publicações falam

sobre eles. Os demais são casos que raras vezes ou nenhuma foram citados em publicações no país. São casos únicos, que merecem ser divulgados.

Para ter uma idéia do que o espera, caro leitor, quantos casos você conhece onde uma alienígena pede água para uma senhora em plena madrugada? Isso ocorreu em Lins, São Paulo, em 1968. Ou então um vigia briga contra três alienígenas e no final recebe um tapinha nas costas, como se quisessem dizer “boa luta, amigo”, fato ocorrido em Bauru, também em São Paulo, em 1968. E ainda em Papua Nova Guiné, mais de 60 avistamentos foram relatados entre 1958 e 59.

Tenho certeza de que você apreciará a leitura.

Abraços,
Thiago Luiz Ticchetti

1950: Great Falls, Montana, EUA

Um dos casos que mais evidencia a existência de naves extraterrestres ocorreu em agosto de 1950, quando o Sr. Nick Mariana, então gerente geral do time de baseball Great Falls Selectrics, acompanhado de sua secretária Virginia Rauning, relatou ter visto dois objetos em forma de disco em plena luz do dia. O caso foi considerado como inexplicável pelo Comitê Condon (No ano de 1966, o senador Gerald Ford, que seria anos depois presidente dos Estados Unidos, abriu o caminho para uma investigação científica dos UFOs. Seu projeto acabou ficando sob os cuidados da Força Aérea Norte-Americana, U.S.A.F. O doutor Edward Condon foi nomeado chefe do grupo de cientistas da Universidade do Colorado encarregada pela USAF para realizar um estudo de dois anos sobre o Fenômeno UFO. Condon era um renomado físico nuclear que já tinha trabalhado em projetos para o desenvolvimento do radar, bomba atômica e desenhos para cápsulas espaciais).

Quando viu os objetos pediu para que Virginia pegasse no carro sua câmera 16-mm colorida. Mariana filmou os O.V.N.I.s enquanto passavam sobre um prédio e atrás de uma torre de água.

No filme os objetos parecem brilhar ao se moverem e em menos de 20 segundos os O.V.N.I.s desaparecem.

Mariana ficou tão entusiasmado com a filmagem que entrou em contato com o jornal local para relatar o fato. Este detalhe é muito importante, pois quem faz uma fraude normalmente

espera até que o filme seja revelado para ver se ficou como queria e então ir atrás dos holofotes. Na década de 50 a revelação de um filme ou filmagem demorava uma semana.

Durante os meses de setembro e outubro, Mariana mostrou o filme para vários grupos ufológicos. Num desses encontros, uma pessoa sugeriu que ele enviasse o filme para a Força Aérea realizar uma análise. Essa pessoa escreveu uma carta para a base de Wright-Field informando sobre a filmagem.

Em outubro de 1950 a Força Aérea entrou no caso. Eles enviaram um oficial da Base de Malstrom para entrevistar Mariana e pegar o filme e, durante a entrevista, Mariana disse que os O.V.N.I.s tinham sido vistos por 20 segundos. Foram feitos testes para ver se havia tempo hábil para que ele visse os objetos, pedisse a câmera e começasse a filmar.

As primeiras análises do filme nada revelaram. Oficiais da Força Aérea disseram que dois aviões de caça estavam naquela área quando o filme foi feito e que seriam eles os tais objetos

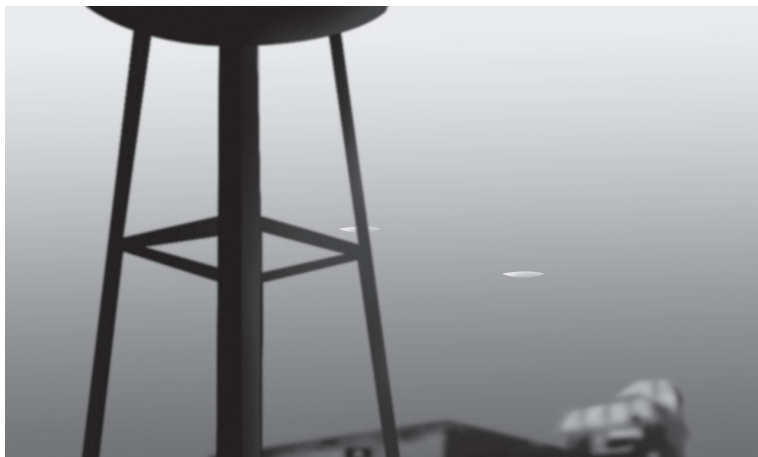


Ilustração 1 - representação gráfica da filmagem

não identificados. Os reflexos seriam ocasionados pelo Sol, o que dificultou a identificação deles por Mariana. Com essa conclusão eles devolveram o filme ao seu autor.

Depois que o interesse da Força Aérea ficou conhecido, várias revistas e empresas de cinema entraram em contato com Mariana. Isso deu mais credibilidade à história, mas ainda não

convenceu a Força Aérea ou ufólogos.

Em 1952 o projeto de investigação de O.V.N.I.s da Força Aérea foi reativado e vários casos foram desarquivados. Militares de Wright-Patterson perguntaram a Mariana se ele ainda tinha o vídeo e se poderiam vê-lo novamente. Mais uma vez a filmagem foi parar nas mãos dos militares.

A Força Aérea norte-americana fez novas análises à procura de uma explicação, e encontraram registros que mostraram que dois aviões F-94 decolaram da Base de Malstrom no momento em que os O.V.N.I.s estavam sendo vistos. O reflexo da luz do Sol poderia ter causado a impressão em Mariana, mas só a confundiria se a sua estimativa de tempo estivesse correta.

Outro problema que botava por água abaixo a explicação dos aviões é que tanto Mariana quanto sua secretária afirmaram terem vistos os caças em outra parte do céu. Novamente a U.S.A.F. (Força Aérea dos Estados Unidos) classificou os objetos como possíveis aviões e encerrou mais uma vez o arquivo.

Entretanto, quando obteve sua filmagem de volta, Mariana ficou furioso. A Força Aérea teria sumido com 30 quadros que mostravam que os objetos tinham a forma elíptica. Mariana exigiu que a U.S.A.F. devolvesse o resto do filme.

Os oficiais negaram que tivessem removido qualquer parte da filmagem. Os registros do projeto Blue Book mostram que eles pediram autorização para retirar um quadro que estava danificado e nada mais.

Em 1953 a Força Aérea e a CIA realizaram um debate para discutir e buscar soluções para alguns casos. Eles viram e reviram o filme de Mariana diversas vezes e chegaram à conclusão de que eram aviões.

Mas o arquivo não foi fechado. Em 1955 o Dr. Robert M. L. Baker realizou uma exaustiva análise quando trabalhava na Douglas Aircraft Corporation. Ele chegou a conclusão de que as imagens não poderiam ser explicadas por nenhum fenômeno natural.

Baker foi além da simples análise do filme. Ele realizou uma série de testes filmando aviões a várias distâncias e em nenhuma delas conseguiu repetir o registro dos objetos.

O filme ficou trancado no limbo até a criação do Comi-

tê Condon em 1966. Mais uma vez ele foi analisado, Mariana foi entrevistado e todo o arquivo da Força Aérea foi revisto. O Comitê adicionou mais um problema ao caso: eles não tinham certeza se o filme fora feito dia 5 ou 15 de agosto. Se fosse dia 5, a explicação dos aviões não serviria.

No final do estudo o Comitê Condon afirmou que a Força Aérea estava correta. Disseram que as datas não puderam ser confirmadas, mas nada apontava para que os objetos fossem extraterrestres.

Em 1969 Baker reafirmou a sua posição sobre o filme dizendo que os objetos mostrados não eram aves, balões, miragem ou meteoros, e que ele não achava que fossem aviões.

O que se sabe hoje é que podemos estar frente a uma das mais espetaculares imagens de O.V.N.Is já registradas, mas o mistério continuará.

1950: McMinnville, Oregon, EUA

Por volta das 19h30 do dia 11 de maio de 1950, enquanto a Sra. Trent retornava para casa após alimentar os coelhos de sua pequena propriedade na cidade de McMinnville, Oregon, estado dos Estados Unidos, sua atenção foi captada pela presença no céu de um objeto metálico discóide movendo-se lentamente na direção nordeste. Ela gritou pelo seu marido, Paul, que estava dentro de casa. Ele veio a tempo de ver o objeto antes de entrar novamente e pegar sua câmera fotográfica.

Paul tirou uma foto e rapidamente rolou o filme, fazendo outra imagem do objeto, que tinha de 20 a 30 metros de diâmetro, antes que ele acelerasse. A Sra. Trent viu seu sogro e sogra na varanda de sua casa, que ficava a 400 metros da casa dela e de seu marido. Ela os chamou, mas como eles não responderam ela correu para casa para ligar para eles. Ao ouvir o telefone tocar sua sogra entrou e conseqüentemente perdeu a oportunidade de ver o objeto, mas o Sr. Trent ainda conseguiu observá-lo antes de desaparecer.

O O.V.N.I se parecia com uma tampa de panela de cabeça para baixo. Anos mais tarde os Trent diriam ao investigador William Hartmann que o objeto “se parecia com um paraquedas sem as cordas, de cor cinza e bronze”. Uma das fotos mostrava o objeto por baixo. No momento dessa foto as testemunhas disseram que sentiram uma leve brisa e a associaram ao movimento do O.V.N.I. Eles chegaram a pensar que o objeto fosse algum experimento militar.

A família Trent não revelou o filme de imediato, mas Paul falou das fotos para o seu gerente do banco, Frank Wortmann, e estas foram colocadas num display na entrada do banco. No mesmo dia em que elas ficaram expostas o repórter do jornal local, Bill Power, persuadiu os Trent a que lhe emprestassem os negativos das fotos.



Ilustração 2 - Foto original feita por Paul Trent

Bill analisou as fotos à procura de fios ou algo que pudesse mostrar alguma farsa, mas não encontrou nenhum vestígio. No dia 08 sua história com as fotos foi publicada no jornal McMinnville Telephone Register. No dia 10 o International News Service veiculou a estória para o mundo todo. A revista FATE pegou os negativos emprestados com Bill e colocou na sua edição de junho daquele ano. Os Trent apareceram no programa de TV “Show, we are the people” em rede nacional. Disseram que os negativos lhes seriam devolvidos, mas a revista Life os perdeu.

Após 17 anos, eles foram reencontrados nos arquivos da United Press International (UPI). Os negativos haviam sido emprestados para William Hartmann, que estava investigando o caso para o Comitê Condon, um estudo patrocinado pela Força Aérea dos EUA liderado por Edward Condon, e depois devolvidos para a UPI. Em 1970 Philip Bladine, editor do jornal

McMinnville Telephone Register, a pedido da família Trent, solicitou os negativos de volta, já que nunca deram os royalties à família. A UPI os devolveu, mas Bladine não disse nada.

Cinco anos depois o pesquisador Bruce Maccabee as encontrou nos arquivos do Register quando começava a sua própria investigação sobre o caso. “Provavelmente foi muito bom as fotos terem sido ‘perdidas’ entre 1950 e 1967 porque ficaram muito bem protegidas, além de que a sua qualidade permaneceu boa”, teria dito.

Os Trent disseram que semanas após o avistamento foram visitados por agentes da Força Aérea e do FBI que lhes fizeram muitas perguntas. Bill Powell confirmou parte da história para Maccabee, dizendo que duas semanas após a publicação no jornal duas pessoas com roupas de militares requisitaram os negativos das fotos. Nunca mais as devolveram.

As fotos atraem a atenção porque, ao contrário de muitas outras fotos de O.V.N.Is, o objeto não mostrava luzes “borradas” e desfocadas, mas sim algo estrutural, artificial, tangível. Conseqüentemente, os investigadores estavam numa faca de dois gumes: as fotos eram falsas ou verdadeiras? Se autênticas, seriam uma prova mais do que suficiente para afirmar a existência de discos-voadores.

Para o desgosto dos céticos, os investigadores não conseguiram encontrar nada que comprovasse uma fraude. O casal nunca recebeu nenhum dinheiro por elas. Até mesmo Hartmann, do Comitê Condon, se rendeu aos fatos: “esse é um dos relatos sobre O.V.N.Is onde todos os fatores investigados, geométricos, psicológicos e físicos, parecem ser consistentes com a afirmação de que um extraordinário objeto voador, metálico, em forma de disco, com dezenas de metros de diâmetro, e evidentemente artificial, voou sob os olhares das testemunhas”.

Até o fim de suas vidas, no final de 1990, os Trent mantiveram o seu relato.

1952: Flatwoods, West Virginia, EUA

No dia 12 de setembro de 1952, um grupo de garotos observou uma esfera de cor vermelha e pulsante sobrevoar uma colina e depois “cair” atrás de outra na cidade de Flatwoods, West Virginia. Uma intensa luz foi vista por detrás da colina, como se o objeto tivesse pousado.

Curioso, o grupo de garotos foi ver o que havia pousado, juntamente com outras pessoas que também tinham observado o evento. Entre essas pessoas estavam Kathleen Maym, seus dois filhos, seu amigo Tommy Hyer, Eugene Lemon e seu cachorro.

O cachorro correu, deixando o grupo para trás, até sair de vista. De repente ouviram seus latidos e ele voltou correndo com o rabo entre as pernas. Um nevoeiro próximo ao chão fez com que os olhos das testemunhas lacrimejassem.

Os dois líderes do grupo, Lemon e Neil Nunley, chegaram antes dos outros ao topo da colina e viram uma enorme bola de fogo à sua direita. Alguns diriam mais tarde que a bola era do tamanho de uma casa.

À esquerda do grupo, sob um grande carvalho, foram vistas duas pequenas luzes azuis. Aconselhado pela Sra. May, Lemon apontou sua lanterna naquela direção e, para o horror de todos, a luz revelou uma criatura de aparência grotesca. O ser tinha a cabeça parecida com um “às de espadas”. Dentro da cabeça havia uma “janela” circular, escura, com exceção de duas luzes. Não havia sinais de braços ou pernas. O ser, que parecia ter